

A PRODUÇÃO DO GÊNERO LENDA ESCRITA POR ALUNOS DO POVO PITAGUARY: UMA PROPOSTA DOS RECURSOS METADISCURSIVOS À LUZ DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

THE PRODUCTION OF THE LEGEND GENRE WRITTEN BY STUDENTS FROM THE PITAGUARY PEOPLE: A PROPOSAL OF METADISCURSIVE RESOURCES IN THE LIGHT OF TEXTUAL LINGUISTICS

Beatriz Barroso Lima Vidal¹, Sâmia Araújo dos Santos²

¹ Secretaria Municipal de Educação (SME), Maracanaú, CE, Brasil
<https://orcid.org/0009-0008-7420-3114>
beatrizblimaa@gmail.com

² Secretaria de Educação (SEDUC), Fortaleza, CE, Brasil
Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, RJ, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-6115-7285>
samiasemear@hotmail.com

Recebido em 30 jun. 2025

Aceito em 30 jul. 2025

Resumo

A preservação de uma cultura indígena é uma questão importante e significa lidar com a história de um povo, por isso, tendo a sala de aula como fenômeno de pesquisa, decidimos continuar os estudos de Santos (2011), sobre o metadiscorso (Hyland, 2005), aliados à concepção de referenciação (Cavalcante *et al.*, 2022) e à teoria das sequências textuais (Adam, 2019) à luz da Linguística Textual para destacar o papel do gênero textual lenda na pesquisa desenvolvida no PROFLETRAS. O objetivo foi observar como os alunos indígenas do povo Pitaguary de Maracanaú/CE se posicionam e se engajam, se afirmando e se reconhecendo como indígena, textualmente num discurso que tratasse da cultura local. A pesquisa teve como metodologia a pesquisa-ação (Thiollent, 1986) aplicada em uma turma de 8º ano do ensino fundamental, com os alunos que se autodeclararam como indígenas que participaram de todos os momentos das oficinas propostas. Com isso, tivemos um *corpus* composto de 8 (oito) lendas, nas quais notamos a ocorrência de recursos metadiscursivos e elementos da referenciação, permitindo concluir que o gênero lenda, por ser majoritariamente composto por sequência narrativa, propicia a incidência de microcategorias de engajamento e de posicionamento. Além disso, contribui para o fortalecimento histórico da comunidade do povo Pitaguary, ao produzir um registro escrito de suas histórias, que por muitas vezes só existem na oralidade, de modo a enriquecer e reavivar aquilo tido como místico e sagrado na cultura de uma comunidade indígena: as lendas que compõem sua história.

Palavras-chave: Metadiscorso. Lenda. Pitaguary. Produção textual.

Abstract

The preservation of an indigenous culture is an important issue and means dealing with the history of a people. Therefore, using the classroom as a research phenomenon, we decided to continue the studies of Santos' (2011) studies on metadiscourse (Hyland, 2005), combined with the concept of referencing (Cavalcante *et al.*, 2022) and the theory of textual sequences (Adam, 2019) in light of Textual Linguistics to highlight the role of the textual genre legend in the research developed at ProfLetras. The objective was to observe how indigenous students from the Pitaguary people of Maracanaú/CE position and engage themselves, affirming and recognizing themselves as indigenous, textually in a discourse that dealt with local culture. The research used action research as its methodology (Thiollent, 1986) applied to an 8th grade class in the final years of elementary school with students who declare themselves as indigenous who participated in all moments of the proposed workshops. With this, we had a corpus composed of 8 (eight) legends, in which we noted the occurrence of metadiscursive resources and elements of referencing, allowing us to conclude that the legend genre, because it is mostly composed of narrative sequences, favors the incidence of microcategories of engagement and positioning. In

addition to contributing to the historical strengthening of the Pitaguary community, by producing a written record of their stories, which often only exist orally, in order to enrich and revive what is considered mystical and sacred in the culture of an indigenous community: the legends that make up their history.

Keywords: Metadiscourse. Legend. Pitaguary. Text production.

EPÍGRAFE

Por isso que os nossos velhos dizem: 'Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai'. Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo.

Ailton Krenak

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo expor a pesquisa de mestrado apresentada no programa de pós-graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Ceará, que teve como produção o gênero lenda feita por alunos do povo Pitaguary numa escola não indígena situada na zona rural da cidade de Maracanaú no estado do Ceará.

Ao analisarmos o contexto educacional do país, sobretudo sendo professoras no ensino público, não se pode ficar alheio às situações que impactam direta e indiretamente a vida dos alunos. Afinal, lecionar é, antes de tudo, ser humano e estar comprometido moralmente com o processo da educação. Pensando nisso, foram observadas questões bastante heterogêneas sobre identidade em uma turma de 8º ano da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF), hoje Escola Cívico Militar.

Para além das questões profissionais e acadêmicas, outra área de grande impacto na pesquisa foi a legislativa, pois se reconheceu a importância de conhecer, praticar e fazer valer as leis que regem o ambiente educacional, mais especificamente, quando se está lidando com a cultura de comunidades indígenas. A título de exemplificação podemos citar: a Lei Federal de nº 11.645, de 10 de março de 2008, a estadual, Lei n.º 17.165, 02.01.2020, e a Lei Municipal nº 3.042 de 2021, que discorrem e tratam das questões mencionadas.

É também reconhecido, atualmente, que muito vem sendo feito para ressaltar e

validar a cultura indígena no país, tal qual o reconhecimento da sua importância em documentos oficiais. Neles pode-se observar que já são pontuadas questões sobre a importância da diversidade cultural no currículo escolar. Contudo, é válido ressaltar que, para uma conscientização real da cultura indígena no país, a educação é o espaço apropriado, é preciso que os alunos tenham acesso às informações relativas à história do seu povo, como muitas das línguas dos povos originários (uma média de 250 espalhadas por todo país), mas ainda desconhecidas pela grande massa. Esse patrimônio cultural é de suma importância para as culturas indígenas, africanas e, principalmente, para a cultura brasileira como um todo, não pode ser negligenciado em sala de aula.

Justamente para evitar que esse patrimônio se perca ou seja apagado pelo efeito do tempo, é que este trabalho foi realizado com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, pois eles enfrentam dificuldades para se reconhecer e se autoafirmar como indígenas na sua própria região. O intuito era que, por meio das aulas de Língua Portuguesa e de um projeto extracurricular com os alunos reconhecidamente indígenas e moradores do território Pitaguary e adjacências, fossem coletados as crenças, os costumes e os demais elementos da cultura local como um todo, por meio de produções textuais. Esse material coletado transforma-se em um registro da cultura Pitaguary, preservando assim sua história.

A motivação inicial para a pesquisa foi perceber que a comunidade citada tinha versões próprias de lendas nacionalmente conhecidas, como, por exemplo, a do Curupira, que para eles é a Caipora. Além disso, existe muita riqueza nas histórias locais com seres fantásticos e misteriosos, que, pelo relato de alunos e professores indígenas, não ficam somente no âmbito da imaginação, mas sim como algo real e crível vivenciado por eles.

Ao pensar nessa mescla de teoria e prática e no impacto da pesquisa acadêmica é que foi colocado como tema central da pesquisa a relação entre os recursos metadiscursivos e a sequência narrativa textual no gênero lenda. A intenção foi analisar como os recursos metadiscursivos ocorreram em sequência textual nas produções de alunos indígenas do 8º ano do Ensino Fundamental.

Para tanto, investigou-se como o posicionamento e o engajamento metadiscursivo na perspectiva interacional de Hyland (2005), coexistindo com a

referenciação (Cavalcante *et al.*, 2022), se manifestaram em sequências narrativas (Adam, 2019) do gênero lenda produzidas por alunos do 8º ano, culminando num material pedagógico que pode contribuir para o fazer pedagógico do professor.

Para a realização do objetivo deste trabalho, este artigo está estruturado da seguinte maneira: primeiramente discutimos o conceito de texto na perspectiva da linguística textual brasileira; na segunda parte tratamos dos recursos metadiscursivos de interação, destacando as macrocategorias de engajamento e de posicionamento; na terceira parte apresentamos uma discussão sobre a sequência narrativa e no modo de organização do gênero lenda com vistas para a sequência narrativa e os processos referenciais; por fim, apresentamos os aspectos metodológicos e as análises das produções.

CONCEITO DE TEXTO

A acepção de texto utilizada na pesquisa pautou-se no conceito adotado pelo grupo de pesquisa Protexto, fundado pela professora Mônica Cavalcante em 2002 e, atualmente, liderado pela professora Mariza Angélica Paiva Brito. Tal noção passou por atualizações ao longo de mais de duas décadas. Inicialmente, a noção de texto adotada por Cavalcante (2012) era a de que “o texto é a unidade de comunicação e de sentido em um contexto, o qual apresenta uma unidade de comunicação, uma unidade de sentido e uma intencionalidade” (Cavalcante, 2012, p. 27), o autor, no ato da produção textual, leva em consideração um tema, uma estrutura, um objetivo e um público-alvo. Nesse sentido, a interação é fundamental para a noção de texto, será justamente através dela que o autor irá se basear para a elaboração de sua produção textual, podendo ser ela escrita ou falada.

Logo, postula a autora na mesma obra:

Na interação o sujeito (humano ou não) está implicado na ação de enunciar e de projetar um outro para quem está direcionando os sentidos construídos num dado tempo e num dado lugar. Cria-se um cenário, um ato de linguagem em que o locutor com intencionalidade de agir sobre o interlocutor provável. (Cavalcante, 2012, p.44)

Com isto, nota-se que o foco nessa perspectiva está voltado para a interação e em como os elementos do texto estabelecem relação com os demais recursos a fim de culminar no ato da comunicação. A preocupação se concentrava nos

conhecimentos necessários para se estabelecer a compreensão textual, além do fato de levar em consideração o texto em sua unidade e o que era pretendido com a produção.

Ressalta-se que o texto é dotado de sentidos e, ao aprofundar-se nos estudos da referida autora, percebe-se que esses sentidos são dependentes de fatores linguísticos, cognitivos, interacionais, socioculturais, cada um deles acionados de forma simultânea pelo enunciador para a composição do evento comunicativo que é o texto.

Desse modo, tem-se que o texto é um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e sociais. A propósito, são concepções consonantes com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN). De lá para cá muita coisa se transfigurou no campo da Linguística Textual, o suporte passou a ter infinitas possibilidades, as mensagens permeiam constantemente os lados formal e informal da língua, o falante e o ouvinte não assumem mais uma postura automatizada e estática. Tudo devido ao fato de a sociedade ter se transformado, e, se isso ocorreu, conseqüentemente, houve mudanças na língua e no fazer linguístico.

Em um segundo momento, a autora passou a adotar o conceito de “texto como um enunciado, que acontece como evento singular, compondo uma unidade de comunicação e de sentido em contexto, expressa por uma combinação de sistemas semióticos”, como afirma Cavalcante *et al.* (2019, p. 26), seja ele longo ou breve, mas que ocorre num dado momento e é sempre irrepitível.

As discussões seguem em lapidação por Cavalcante *et al.* (2022), em que é possível observar que um texto é único em sua essência e não há como repeti-lo. O texto é um evento que pode sofrer modificações à medida em que ele se instaura. Ao lermos um texto verbal, como uma lenda indígena, o *corpus* desta pesquisa, quando formos ler em outro momento será um novo texto, por o interlocutor poder ter passado por outras experiências leitoras e experimentado outras interações.

Entender o caráter argumentativo presente no texto é saber que o interlocutor estará imbuído de alguma intenção ao produzir seus escritos, mesmo que não seja tão evidente para ele. Ao escrever, o locutor poderá ter algum objetivo como: expor

um ponto de vista, apresentar uma explicação, convencer o interlocutor, passar um recado, seja qual for o intuito, ele irá se utilizar de traços argumentativos em sua produção.

Portanto, apreende-se que, mediante a proposta de aulas com alunos do 8º ano, exclusivamente indígenas, focando em produções textuais de sequência narrativa dominante, toma-se consciência de que nas produções dos alunos houve traços argumentativos, pois eles querem, através das suas produções, apresentar a sua forma de ver e conceber o mundo, posicionando-se e engajando o interlocutor em lendas que traduzem a cultura de seu povo indígena.

RECURSOS METADISCURSIVOS E SUAS MACROCATEGORIAS

Há vários teóricos que discutem o metadiscurso em diferentes áreas da linguística. Nossa pesquisa se embasa no metadiscurso dentro da área da Linguística Aplicada, a partir do conceito do discurso sobre o discurso cuja função é “orientar o leitor e demarcar a presença do autor como seu posicionamento” (Santos, 2011, p. 21). Nesta esteira citamos Vande Kopple (1985) e Crismore (1989) que dão o ponto de partida na área e no conceito citados.

Mais especificamente nos debruçamos na perspectiva de Hyland (2005), porém iniciamos, brevemente, fazendo um percurso de seus estudos anteriores (Hyland, 1998) para situarmos nosso interlocutor. O autor postula que o “metadiscurso envolve aspectos do texto que explicitamente organizam o discurso escrito do ponto de vista do escritor” (Hyland, 1998, p.14). Nela percebe-se que há uma preocupação por parte do escritor, no momento da escrita, quando quer projetar algo no seu texto e também no seu público, estabelecendo assim uma relação ESCRITOR – TEXTO – LEITOR¹.

Essa propriedade de organizar o texto que tanto Hyland (1998) se preocupou em analisar é de extrema relevância, pois é por meio dela que se percebem as intenções do escritor ao produzir um texto e se consegue notar para quais caminhos ele quer levar o seu público, à medida que vai desenvolvendo seu texto. Essas

¹ Hyland trata os termos escritor e leitor e ao discutirmos a sua teoria optamos por sermos fiéis à sua nomenclatura, porém nas demais interlocuções tomamos a abordagem da linguística textual de locutor e interlocutor.

nuances, ao serem analisadas, foram o ponto alto da pesquisa com as produções de textos dos estudantes, pois, por meio dessas marcas de organização, foi possível observar o que cada um conseguiu deixar de seu particular em suas produções. Por isso, optamos por fazer esse percurso da teoria hylandiana desde o seu princípio.

Partindo desse ponto de que a organização do texto é uma das características do metadiscorso, admite-se, em seguida, o seu caráter retórico e pragmático, visto que, à medida que o texto vai sendo criado, o autor trabalha conscientemente esses traços, de modo a serem observados não só no contexto de produção, como também em suas práticas.

Assim sendo, é preciso assimilar o metadiscorso como a compreensão do leitor sobre o seu poder de organização e manipulação textual, visto que Hyland (1998, p. 441) afirma que “o metadiscorso auxilia na compreensão da maneira como os autores organizam seus argumentos e como constroem suas relações com seus leitores”. Essa tomada de consciência do leitor é o que fará diferença na hora de produzir um texto, pois ali ele vai entender a importância de cada palavra e da conexão entre elas.

Hyland (1998) classifica o metadiscorso em duas categorias: o textual e o interpessoal. O primeiro deles, segundo as palavras do autor, “é usado para organizar a informação proposicional de maneira a torná-la coerente para sua audiência específica e apropriada a um dado propósito” (Hyland, 1998 p. 07). O segundo é responsável por, conforme o autor expõe, guiar os leitores para a observação do modo como os escritores se projetam no texto em relação ao conteúdo proposicional. A seguir explicitamos as categorias textuais e interpessoais de Hyland (1998).

Quanto ao caráter textual, o metadiscorso diz respeito ao perfil do autor e ao contexto que ele irá considerar no momento de sua produção. Nesse tipo de metadiscorso estão presentes: conectores lógicos, marcadores de enquadramento, marcadores endofóricos e as referências de conteúdo. Para melhor compreensão, vejamos o quadro:

Figura 1: Metadiscorso textual

CATEGORIA	FUNÇÃO	EXEMPLOS
METADISCURSO TEXTUAL		
Conector lógico	expressa relação semântica entre orações principais	além disso/ mas/ por conseguinte/ assim/ e
Marcadores de atos do discurso	referem-se a estágios do texto	finalmente/ repetindo/ Nosso objetivo aqui/ tentamos
Marcadores endofóricos	referem-se a informações de outras partes do texto	mencionado acima/ ver. Fig. 1/ tabela / abaixo
Marcadores de evidência	referem-se a fontes de informação de outros textos	de acordo com X/ Y, 1990/ W diz
Marcadores de reformulação	ajudam o leitor a compreender o conteúdo ideacional proposto no texto	ou seja/ por exemplo/ em outras palavra,

Fonte: Hyland (1998, p. 442)

Em contrapartida, o metadiscorso interpessoal se propõe a orientar os leitores mediante o modo de escrita de cada autor; é responsável por mostrar como ele se projeta em seus textos, tanto em relação ao conteúdo do seu texto, quanto ao seu público. Estão presentes no metadiscorso interpessoal: formas modalizadoras, atenuadores, formas enfáticas, marcadores de atitude, marcadores relacionais,

vejamos:

Figura 2: Metadiscorso interpessoal

CATEGORIA	FUNÇÃO	EXEMPLOS
METADISCURSO INTERPESSOAL		
Marcadores de modalização	explicitam o compromisso do escritor	poderia/ talvez/ é possível/ cerca de
Marcadores enfáticos	ênfaticam com força/certeza a escrita do escritor	de fato/ definitivamente/ está claro/ obviamente
Marcadores de atitude	expressam a atitude do escritor em relação ao conteúdo	surpreendentemente/ concordo/ X afirma
Marcadores relacionais	constroem a relação com o leitor	francamente/ note que/ você pode ver
Marcadores pessoais	referem-se explicitamente ao escritor	eu/ meu/ nós/ nosso

Fonte: Hyland (1998, p. 442)

Desse modo, os segmentos dos recursos metadiscursivos (textual e interpessoal) não se encaixavam ainda no perfil da pesquisa, pois eles privilegiam a forma em detrimento do uso, que é o que se buscava analisar e associar enquanto marcadores nos discursos dos textos produzidos. Com isso, debruçou-se sobre os aspectos textuais e discursivos, e não apenas ao que diz respeito à estrutura do texto.

As pesquisas de Hyland (1998) se dão em textos acadêmicos. O autor chega à conclusão que o aspecto interpessoal é significativo para a sua investigação e propõe uma nova classificação priorizando os aspectos da interação. Hyland (1998) justifica a sua nova proposta classificatória ao afirmar que um texto acadêmico para ser aceito pelos seus pares precisa de uma linguagem capaz de “reconhecer, construir e negociar relações” (Hyland, 2005, p. 175). É nessa esteira da nova proposta do autor que a nossa pesquisa se sustenta, no viés da interação hylandiana e na investigação dos recursos metadiscursivos em sequência narrativa de Santos (2011).

O metadiscorso interpessoal traz consigo uma gama de estratégias que levam em consideração a interação e a avaliação que possibilitam entender de que maneira o autor se posiciona em seu discurso e como ele trabalha seu texto mediante o seu público. É nesse ponto que entra o trabalho com as macrocategorias de Hyland (2005), visto que, diante desses dois caminhos, escolheu-se trilhar o da

interpessoalidade, isto é, o interacional, para conseguir acompanhar mais individualmente o processo de escrita de cada estudante, especificamente, daqueles que são indígenas, por fazerem parte do nosso objeto de estudo. O que coaduna com a nossa proposta teórico-metodológica da linguística textual quando trazemos a concepção de texto interacional (dialógica) da língua, pois “o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que - dialogicamente - nele se constroem e por ele são construídos” (Koch, 2008, p. 19) com o objetivo de construir sentidos.

Para um melhor entendimento, observemos esse quadro, no qual Hyland (2005) apresenta um formato mais dinâmico e sucinto das microcategorias existentes na interação entre as macrocategorias de posicionamento e de engajamento:

Figura 3 – Nova proposta classificatória



Fonte: Hyland (2005, p. 177)

É com esse arcabouço que Hyland (2005) apresenta as macrocategorias de engajamento e de posicionamento com suas respectivas microcategorias para analisar os recursos linguísticos de posicionamento intersubjetivo, como já dito, em sequência narrativa, no gênero lenda, produzida pelos alunos.

Esse ponto é estritamente relevante para o estudo, pois, ao se deparar com o texto, o aluno, no momento de produzir, fará uso do posicionamento, já que ele emite um juízo de valor, a sua opinião, o seu olhar sobre a temática estudada, assim como

não está isento do engajamento², haja vista que seus traços étnicos e seu repertório cultural serão também ali integrados ao seu processo de escrita. Isso será notado tanto no momento da produção do texto, quanto na hora da reescrita, que será a etapa em que o aluno possibilitará ao seu texto um polimento e acabamento refinado de acordo com seu propósito comunicativo dentro do projeto.

As macrocategorias postuladas por Hyland (2005) são de suma relevância para o trabalho de sala de aula. Através delas pode-se notar a ação do metadiscorso no ensino de língua portuguesa, porque no momento da aula são observados quais e como os aspectos textuais que compõem e organizam o discurso adotado pelo aluno, bem como sua postura em relação à temática abordada, impactam no processo de ensino aprendizagem durante as aulas de língua portuguesa no Ensino Fundamental anos finais.

Entender o funcionamento da língua e a sua organização não é uma tarefa fácil, mas, à medida que o professor vai pesquisando e aprimorando suas estratégias de ensino, o processo de aprendizagem vai ficando mais palpável e significativo para o aluno. Esse foi o maior interesse desta pesquisa: tornar a aula um momento de realização e produção do aluno, para que ele saia da escola apto para os novos desafios em sua vida pessoal e profissional.

A seguir tratamos das sequências textuais com vistas para a sequência narrativa na perspectiva de Adam (2019).

SEQUÊNCIAS TEXTUAIS

O conceito de sequência textual para Jean Michel Adam, o qual se baseia na ideia de que o texto é composto de uma rede de composições, é um misto de tipologias (narração, descrição, argumentação, dissertação etc.), como ele mesmo afirma: “Em outros termos, trata-se de examinar o modo como se constitui, a partir de uma sequência de enunciados - para um intérprete leitor ou ouvinte -, um efeito de sequência” (ADAM, 2009, p. 80).

Desse modo, entende-se que as sequências possuem uma autonomia relativa,

² As microcategorias de posicionamento e de engajamento serão apresentadas na análise das produções dos alunos.

assim como são unidades de texto complexas e são formadas por proposições e macroproposições que vão desempenhar funções diferentes a depender da ordem e da relação estabelecida na sequência. Nas palavras do autor, compreende-se que a sequência é:

uma entidade relativamente autônoma, dotada de uma organização interna pré-formatada que lhe é própria e que, portanto, está em relação de dependência-independência com o conjunto mais amplo do qual é parte constitutiva: o texto. Adam (2019, p. 22)

O papel das sequências é o de organizar e estabelecer uma determinada hierarquia nos agrupamentos que compõem o texto. Algo semelhante ao que acontece no ensino de Língua Portuguesa no Brasil, a criança ao entrar em contato com a língua vai conhecendo seus componentes e evoluindo o nível de compreensão do sistema linguístico, conforme vai avançando nas etapas de ensino. De tal forma que ela vai desde o conhecimento das letras, passando pela formação de sílabas, construção de palavras, elaboração de frases, estruturação de orações, criação de períodos, junção em parágrafos e constituição de textos.

Para identificar uma sequência textual, é necessário levar em conta os atributos que a compõem, chamados aqui de protótipo. Um esquema mental, abstrato, que proporciona ao falante a capacidade de ler um texto e identificar naqueles gêneros traços característicos da argumentação, da descrição ou da narração. São essas propriedades que possibilitam o encaixe de um período ou parágrafo nas sequências: narrativa, argumentativa, descritiva, expositiva e dialogal. Assim:

Em outras palavras, os novos textos, sempre singulares, são classificados e associados a formas preexistentes, construídas a partir de regularidades observadas, reconstruídas e memorizadas. Eu organizo entre essas formas, de um lado, os esquemas sequenciais (pelo nível micro e mesotextual) e, de outro lado, os sistemas de gêneros (pelo nível macrodiscursivo). Os esquemas sequenciais e gêneros discursivos são, cada um em seu próprio nível e em suas diferenças, padrões que favorecem o reconhecimento local e global. (Adam, 2019, p. 64)

Cada sequência vai adquirindo seus próprios atributos a partir de um contexto. Logo, alguns traços podem ajudar a estabelecer ferramentas para identificar as sequências dentro de um gênero textual. Vale lembrar que, a depender do intuito do interlocutor, assim como do autor, as particularidades de cada sequência podem variar.

A título de ilustração, tem-se que a sequência pode ser:

- Narrativa: apresenta relação cronológica e causal
- Argumentativa: tem um tipo mínimo de encadeamento (argumento + conclusão)
- Descritiva: divide elementos em partes providas de propriedades
- Expositiva: apresenta uma sucessão de por que / porque
- Dialogal: expõe a relação questão – resposta – avaliação

Nesse sentido, ao se deparar com um gênero textual como a carta pessoal, o aluno num primeiro momento vai observar as características da sequência narrativa, mas ao fazer uma leitura mais atenta e detalhada, dependendo do conteúdo do texto, ele poderá se deparar com a sequência argumentativa ou com a dialogal, por exemplo.

Todas as sequências são de extrema relevância na construção de um texto. Cada uma com seus traços e suas características compõem os textos usados cotidianamente, cumprindo sua funcionalidade de acordo com a necessidade em cada situação comunicativa, compondo os gêneros textuais. Para este estudo, a sequência narrativa foi sobre a qual nos debruçamos para a produção das lendas indígenas.

SEQUÊNCIA NARRATIVA

A sequência narrativa vem sendo trabalhada e estudada desde a poética aristotélica, mas não perdeu seu encanto e ainda tem muito o que oferecer para os estudos linguísticos atuais. Essa sequência se faz presente num número considerável de gêneros textuais, por isso foi a escolhida para o desenvolvimento do projeto, visto que corriqueiramente estaria entre os objetos de conhecimento dos alunos do 8º ano. Tal sequência possui a melhor forma composicional, pois os seus elementos podem ser facilmente identificados em uma estrutura textual. São eles: sucessão de acontecimentos, unidade temática, predicados transformados e a unidade em processo, que, trazendo para o cenário atual, pode ser entendida como:

TEMPO – ENREDO – PERSONAGENS – SITUAÇÃO INICIAL/CLÍMAX/FINAL

Desse modo, nota-se que a estrutura dessa sequência pode ser a de mais fácil absorção e compreensão para o grupo estudantil, pois, independente do gênero os alunos conseguem identificar seus traços, além de conseguirem se organizar melhor no momento de produção textual. Sem mencionar o fato de que essa sequência se

faz presente em gêneros muito próximos do cotidiano deles, o que faz com que, nesse momento da aula, isso os aproxime da realidade educacional, sem se tornar algo distante da sua vivência, além do fato de estimular e incentivar a imaginação e a criatividade dos alunos por meio do fortalecimento da sua cultura.

Para além da questão estrutural, tem também o propósito comunicativo, pois, além de saber como escrever, o aluno precisa ter bem estabelecido o para quem escrever, assim como saber qual é o seu objetivo com aquela produção textual. Em termos linguísticos, no caso da sequência narrativa, tem-se que:

O modelo da sequência narrativa de base tem por objetivo explicitar essa observação essencial, definindo o que assegura a ligação entre as proposições, assim como o seu empacotamento sob a forma de “macroproposições” constitutivas de uma sequência, e a própria sequência como parte de um texto. Como unidade textual, toda narrativa corresponde certamente e de forma ideal à definição mínima que se pode atribuir à textualidade: conjunto de proposições articuladas progredindo em direção a um fim. (Adam, 2019, p. 117)

Desta forma, evidencia-se que a narrativa se constrói numa constante progressão de fatos, mesclando personagens vivenciando um enredo, em um determinado espaço e tempo. Isso é algo que o estudante precisa ter em mente na hora de produzir seu texto, no nosso caso, a lenda, a qual possui predominância da sequência narrativa, embora haja a presença de outras, como a descritiva, por exemplo. Entender a sequência narrativa é saber que ela é sustentada por uma sucessão de acontecimentos dentro de uma história, os quais serão vividos por personagens, podendo ser eles animados ou inanimados, mas que apresentam uma progressão temática do início até o fim da história narrada.

GÊNERO LENDA

Uma das marcas de uma comunidade indígena é a sua riqueza cultural, já que cada tribo possui seus próprios costumes, crenças e tradições. Por isso, ao trabalhar com a comunidade indígena Pitaguary, e ao notar como aquele povo tratava suas memórias, escolheu-se o gênero lenda como parte da pesquisa.

O gênero textual é um fenômeno que se produz dentro de uma sociedade e que vai sofrendo alterações de acordo com o tempo. Além disso, ele é uma poderosa ferramenta de comunicação, visto que possui uma estrutura específica e uma função

social peculiar para cada tipo existente.

Como bem afirma Marchuschi (2002), os gêneros “caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”. Isto é, são textos que irão sofrer a ação do tempo, de acordo com as necessidades da humanidade naquela determinada época.

Então, ao trabalhar com um público indígena e propor um projeto focando na produção de textos, nada melhor do que utilizar a lenda, para desenvolver o trabalho, bem como fortalecer e divulgar as histórias vivenciadas e partilhadas pelo povo Pitaguary.

Assim, a lenda é um gênero textual de valiosa contribuição para a tradição oral, responsável por registrar acontecimentos da cultura de um povo e que contribui com a preservação do folclore brasileiro.

Em se tratando de folclore, um dos pioneiros na criação do conceito e do destaque ao valor do gênero lenda é Câmara Cascudo. Tal autor trabalhou com uma teoria folclórica e nela apresentou o conceito e a organização da lenda, a qual basicamente consiste em:

(...) segundo a Teoria Folclórica de Câmara Cascudo a Lenda também “Conserva as quatro características do conto popular [e do Folclore, de modo geral]: antiguidade, persistência, anonimato, oralidade” (2001: 328). Ou seja, são histórias muito antigas, que se perdem no tempo, que sobrevivem e persistem no tempo sendo transmitidas pela oralidade popular; histórias que existem e se reproduzem desde tempos imemoriais, sendo impossíveis de serem datadas, e que, também, não têm um autor reconhecido, são anônimas. (Cascudo, 2001 p. 25)

A lenda se torna a materialização desses quatro elementos, cumprindo sua função social dentro de uma comunidade, trazendo para o mundo real aquilo que muitos apenas consideram histórias inventadas, justamente porque uma de suas características é a presença de um mundo sobrenatural, o qual muitas vezes está para além das questões da natureza e da própria realidade.

Vale ressaltar que a estrutura composicional de uma lenda, embora possa divergir entre regiões e povos, se apresenta basicamente com a mesma composição. Sendo assim, o gênero lenda apresenta uma estrutura que geralmente segue uma sequência narrativa, composta por introdução, desenvolvimento e desfecho.

PROCESSOS DE REFERENCIAÇÃO

Na referida pesquisa, foi proposto que o aluno fosse capaz de conduzir os elementos constitutivos de um texto, no intuito de se colocar enquanto indígena ao produzir um gênero lenda durante a realização do projeto extraclasse³. Para isso, foi trilhado todo esse caminho teórico, com o qual ele perpassou por uma estrutura de conhecimento, sem abordar a nomenclatura, que relacionou a noção de texto, o conceito de gênero textual, bem como as sequências textuais, assim como fez uma associação entre os recursos metadiscursivos e os processos de referenciação.

Além de entender o processo de referenciação, também é válido ressaltar o conhecimento da ideia de referente, pois ele é um objeto que faz parte do discurso, e que para sua realização é necessária a relação entre os interlocutores. Compreendendo dessa forma, que o referente é obtido por meio do ato de comunicação em si, o qual ocorre através da linguagem que ele se realiza, tal como postula Cavalcante (2012), “no fundo, o papel da linguagem não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o desconstruir, por meio da linguagem, uma versão, uma elaboração dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados” (2012, p. 105).

Desse modo, o processo de referenciação nada mais é do que uma atividade de construção de referentes, objetos de discurso, com o objetivo de fazer referência a eles ou retomar algo já dito anteriormente. Com isso, a centralidade da referenciação está no seu referente, o qual, nas palavras da autora, vem a ser: “um objeto, uma entidade, uma representação construída a partir do texto e percebida, na maioria das vezes, a partir do uso de expressões referenciais” (Cavalcante, 2012, p.98).

Com o avançar dos estudos linguísticos e com o foco agora voltado para a interação, o conceito de referenciação passou a ter uma nova configuração, trazendo ainda muito da antiga, mas incrementando e ampliando seu significado dentro do cenário linguístico atual. Hoje, entende-se a referenciação como um processo dinâmico que, além da função de remeter a algo, de referir, desempenha também o ponto mais central das questões da Linguística de Texto, pois é ela quem se relaciona com todos os demais componentes que possibilitam a análise de um texto, interligando e estabelecendo relações entre as partes que o constituem, como

³ O projeto extraclasse é descrito no *Percurso Metodológico*.

afirmam Cavalcante *et al.* (2020):

Só podemos tratar de referentes no âmbito do texto, na interação efetiva, na qual se encena o circuito comunicativo, porque é lá que os participantes, como atores sociais, calculam o que vão falar, projetam como podem se dirigir ao outro tendo em vista os valores sociais e as crenças do contexto social em que se encontram. (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 270-271).

Então, fica explícita a relação existente entre texto e interação, para que se possa entender que cada realização é única e individual em sua composição.

Seguindo na concepção de referente e o fenômeno da referenciação, três processos referenciais⁴ são distintos: introdução referencial, anáfora e dêixis. No que diz respeito à introdução referencial, ela é a responsável por apresentar o referente, de forma mais persuasiva, podendo encapsular ou não as proposições do texto. Já a anáfora possui a capacidade de operar como retomada de referentes que já foram colocados no texto, podendo sofrer alterações no momento da interação; ela pode ainda ser do tipo encapsuladora. Vale destacar que, sobretudo na anáfora indireta e na encapsuladora, as inferências têm papel relevante. É preciso que o leitor consiga deduzir e recuperar as informações durante o processo de leitura, caso contrário as referências acabam perdendo seu valor.

Por fim, temos a dêixis que pode introduzir ou retomar um determinado referente mediante sua origem. Podemos afirmar que ela é um fenômeno que faz alusão às questões espaciais e geográficas, além de servir para identificar coisas, pessoas e objetos num contexto com determinado espaço e tempo. Há três tipos de dêixis: a pessoal, a espacial e a temporal.

O trabalho com a referenciação foi importante para os alunos perceberem como esses recursos são essenciais para a articulação do texto. É importante fazer com que o aluno entenda como os referentes se encadeiam e se associam entre si, para estabelecer a progressão temática no texto. Isso quer dizer que, para haver evolução no tema dentro da construção textual, é necessário também haver um avanço dos referentes.

Consoante a isso, a referenciação está estritamente associada aos recursos metadiscursivos apresentados, visto que os dois desenvolvem no aluno a habilidade

⁴ Os processos referenciais serão exemplificados na análise das produções dos alunos.

de utilizar termos para se referir a algo já mencionado por ele no texto, ou, no caso da metadiscursividade, para enfatizar a sua postura através do engajamento ou do posicionamento dentro da produção de sequência narrativa, a lenda.

PERCURSO METODOLÓGICO

Além do embasamento teórico, outro fator relevante em uma pesquisa científica é o conjunto de ferramentas metodológicas que serão usadas em sua aplicação. Como requisito, o Mestrado Profissional em Letras é um programa no qual os docentes precisam aliar seus estudos teóricos com sua prática em sala de aula, a partir de uma problemática emergida na escola.

Assim sendo, a pesquisa se encaixa no formato, pautado e desenvolvido por Thiollent (1986), de pesquisa ação, o qual considera que:

a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. Thiollent (1986, p.14)

Nesse modelo de pesquisa identifica-se um problema peculiar da comunidade em análise e se debruça sobre ele com o fito de averiguar e encontrar uma possível solução para o óbice encontrado. Isso se deu através da interação entre o pesquisador e os indivíduos pesquisados, deixando nítidas as constatações feitas e repassando para o público de forma clara, coerente e coesa como ele poderia agir para a mudança positiva do quadro diagnosticado.

Com o objetivo de os alunos indígenas terem o sentimento de pertencimento, o projeto foi intitulado de “Uaná”. Ele recebeu esse nome porque *uaná* em tupi guarani significa vagalume, e a escolha dessa palavra se deu por dois motivos: primeiro que, por se tratar de um projeto exclusivamente com alunos indígenas, nada mais justo que um nome da língua nativa dos povos originários; segundo porque pensou-se que, assim como os vagalumes, os alunos autodeclarados como indígenas participantes do projeto, assim como o animal citado, pudessem iluminar os demais estudantes como fochos de luz, que apontaram o caminho para a incrível jornada de se perceber, se reconhecer e ter orgulho de suas origens.

A logística do projeto se deu por meio de oficinas extraclasse, em horário contrário ao das aulas regulares da turma. As oficinas contaram com um plano de aula pensado e construído de acordo com a necessidade já identificada do grupo de alunos autodeclarados como indígenas do 8º ano. Juntamente com o contato com os gêneros, o processo de escrita em si estava estritamente relacionado à questão do texto. Para isso, trabalhou-se com as macrocategorias de Hyland (2005) e averiguou-se, na hora da produção textual, como os estudantes fizeram julgamentos e se posicionaram no momento de construir sua mensagem de forma precisa e sem ruídos de comunicação, para o público estipulado, em sequência narrativa do gênero lenda.

Desse modo, os pilares que concernem à aplicação da pesquisa são: o contato com os gêneros e sua funcionalidade, especificamente os gêneros de sequência narrativa, como a lenda, pois o cerne da pesquisa se deu nessa sequência, de modo a destacar em suas exposições a importância da cultura indígena Pitaguary; a evolução das etapas no processo de escrita de um texto; a lapidação do processo de escrita e produção textual; a consciência do uso inteligível das macrocategorias do metadiscorso, assim como o uso satisfatório dos elementos que compõem os processos referenciais. A aplicação da pesquisa-ação se deu em 20 horas/ aula.

Como consequência do trabalho realizado, foi visto o aluno como autor e possuidor dos traços e valores da sua cultura e identidade, orgulhoso do seu processo de autoconhecimento por meio das aulas de Língua Portuguesa. Somou-se, ainda, o fato de o aluno estar cada vez mais evoluído no uso efetivo da sua língua, executando todas as habilidades e competências que a Base Nacional Comum Curricular pressupõe de forma autônoma.

ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Para fins de análise, exploramos todas as produções feitas pelos alunos e identificamos os recursos metadiscursivos e os processos referenciais. Para melhor visualização destacamos na cor azul todos os termos referentes ao engajamento e de amarelo as expressões que correspondem ao posicionamento. No entanto, como forma de melhor organizar nossa averiguação, resolvemos agrupar os trabalhos em pares, mediante as incidências das macrocategorias e dos tipos de ponto de vista encontrados, seguindo essa distribuição:

- 1ª par: texto 1 com maior ocorrência e texto 2 com menor ocorrência;
- 2º par: texto 3 e texto 4 com maior ocorrência de posicionamento
- 3º par: texto 5 e texto 6 com maior ocorrência de engajamento
- 4º par: texto 7 e texto 8 com leve ocorrência de posicionamento e engajamento

Tendo em vista que o exposto é um recorte da dissertação, será apresentado um único par de lendas produzidas a título de exemplificação e ilustração do trabalho realizado, no caso será o 4º par, aquele que apresenta ocorrências medianas e pontuais das macrocategorias analisadas.

Figura 4: Texto 7 A caipora

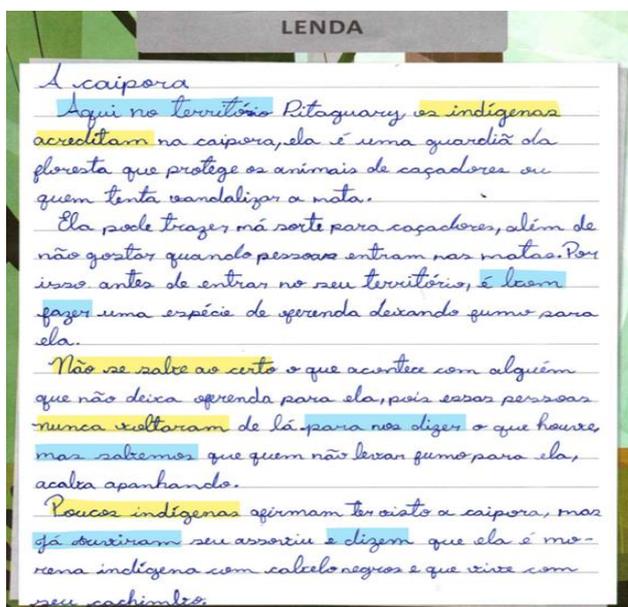
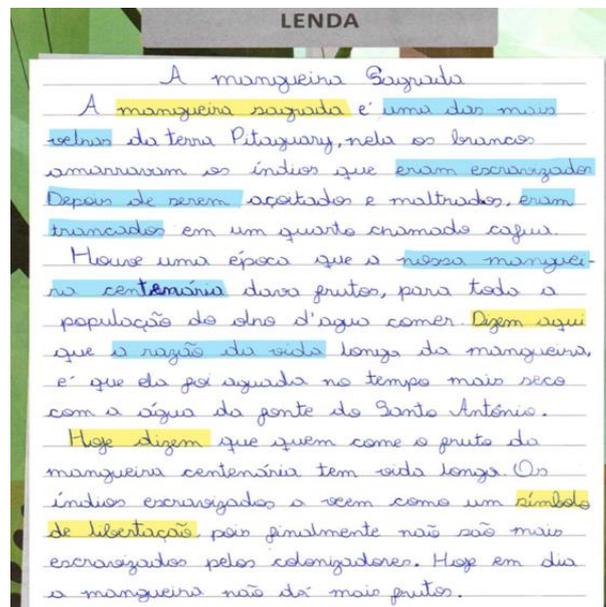


Figura 5: TEXTO 8 A mangueira sagrada



Fonte: acervo pessoal das autoras

Adentrando ao terreno dos recursos metadiscursivos, o texto 7, que tem como título “A caipora”, trata de uma lenda até bem conhecida nacionalmente, mas que para o povo Pitaguary vem a ser muito mais do que uma crendice popular, uma história real, vivida e partilhada pelos nativos. Nesta narrativa, a quantidade de recursos metadiscursivos está quase que equiparada, pois o número de casos de engajamento é praticamente o mesmo dos que são de posicionamento. Esse é um caso de que um autor conseguiu dosar na sua escrita tanto a sua relação com o leitor, quanto as suas ações como escritor, executando essa estratégia ao longo da sua narrativa.

É importante destacar que esse texto está de acordo com a sequência prototípica narrativa (Adam, 2019), visto que o autor inicialmente apresenta o tema que será abordado, contextualizando para o leitor; vai aos poucos traçando as características do personagem principal da história e instaurando um clima de tensão e curiosidade para a audiência; reforça seus conhecimentos com a sabedoria popular e as crenças indígenas; e, por fim, deixa praticamente na mão do público decidir se é uma história de fato real ou fictícia, tudo isso situado num determinado tempo e espaço.

Em se tratando dos recursos metadiscursivos, o texto 8 apresenta engajamento e posicionamento, e suas respectivas microcategorias ao longo de toda sua narrativa. Similar ao que averiguou-se no texto 7, também aqui no texto 8, que se intitula “A mangueira sagrada”, a quantidade de recursos encontrados é praticamente a mesma, estabelecendo assim uma relação bem equiparada entre as duas macrocategorias estudadas dentro da teoria hylandiana.

Vale ressaltar que da macrocategoria posicionamento conseguiu-se apurar exemplares de todas as suas microcategorias. Essa macrocategoria é composta por atenuadores, marcadores de atitude, intensificadores e automenção. O primeiro pode ser utilizado como estratégia de convencimento para indicar dúvida ou imprecisão, enquanto o outro vai no mesmo caminho, porém apontando uma certeza no texto. Já os marcadores de atitude trazem a ideia do autor em relação ao que está sendo escrito, e, por fim, a automenção aponta a existência ou falta de uma referência explícita ao autor do texto, como seu próprio nome já diz.

No entanto, no caso do engajamento não foi possível localizar nenhuma ocorrência do tipo perguntas. Acredita-se que isso tenha acontecido pelo gênero e sequência adotados nesta pesquisa, pois a lenda, sendo mais narrativa, não abre espaço para reflexões e questões.

Analisando detalhadamente cada lenda produzida, foi possível perceber como os recursos metadiscursivos coexistem juntamente ao fenômeno da referenciação. Para isso, descreveu-se como essa relação aconteceu no processo da escrita, acompanhando o discorrer da análise do mesmo par de lendas apresentado e explanado.

Observa-se que, no texto 7 “A caipora”, só foi possível destacar um único caso de coexistência. No trecho aqui no território, um tipo de diretiva pertencente ao engajamento e que na tessitura textual desempenhou uma função de dêixis espacial.

Por fim, no texto 8, “A mangueira sagrada”, encontrou-se a predominância de duas situações: todas as expressões configuram dêixis e todas são da macrocategoria de posicionamento. Neste caso, apontam-se os trechos: nela (mangueira sagrada), dizem aqui e hoje dizem, todos fazendo referência ao território indígena Pitaguary e destacando a importância da mangueira como símbolo histórico e de libertação do seu povo.

Ressaltamos que outros processos referenciais foram encontrados na análise dos textos, como, por exemplo, no caso da anáfora foi vista a recorrência do pronome ELA e ELE, assim como seus derivados, para retomar a menção a algum personagem que já havia sido mencionado na narrativa. Por sua vez, também foram identificados casos de introdução referencial como SEU ANTÔNIO e um AMIGO MEU, com o intuito de situar o leitor mediante aquele referente no contexto.

Esse foi o resultado de um trabalho longo, pensado, reformulado e aplicado na realidade de sala de aula, considerando e perpassando por todas as variáveis que o ensino público pode proporcionar tanto para o professor, quanto para os seus alunos.

Ressalta-se aqui que a estreita relação entre a referenciação e o metadiscorso, que se buscou analisar, ainda que de forma separada, diz muito sobre as ferramentas em que os alunos precisam se aprofundar para ornamentar e ressignificar o seu texto. É muito importante na hora da produção textual saber quais, mas principalmente, como os recursos podem auxiliar no momento da construção escrita de um discurso.

Assim, ousou-se constatar, ou melhor dizendo, foi possível sugerir, que muito embora uma lenda tenha tido uma grande variedade de recursos metadiscursivos, ela pode não ter apresentado tanta diversidade de referentes. Algo que não se vê como negativo, pois cada teoria tem sua abordagem e modo de afetar o processo da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurou-se apresentar um recorte de uma dissertação, resultado de uma pesquisa de Mestrado Profissional em Letras, no qual foi apresentado de

forma sucinta o caminho trilhado ao longo dessa jornada. Além disso expôs-se o entrelace entre teoria e prática, mundo acadêmico e realidade de sala de aula, com o único intuito de contribuir com o aprimoramento da educação básica nacional.

Somou-se essas duas realidades e partiu-se de uma lacuna encontrada na teoria dos recursos metadiscursivos dentre de uma dissertação de mestrado: utilizar as teorias linguistas absorvidas durante as aulas do mestrado e aplicar nas aulas de português dentro da nossa sala de aula de um fenômeno que emerge também da sala de aula como a escrita de narrativas do gênero lenda.

Além da relevância acadêmica, a pesquisa também pode contribuir com uma relevância social ao trazer a reflexão da importância de alunos se autodeclararem como indígenas do povo Pitaguary. Existem muitas comunidades indígenas, quilombolas e de tantas outras etnias que precisam ter suas histórias ouvidas, coletadas e ressignificadas para se fazerem pertencentes à sociedade.

Como educadores, não podemos aceitar que o aluno entre e saia da sala de aula sem ser afetado. É necessário fazer o papel de educador e de professor pesquisador, apresentar, instigar, partilhar e propiciar as mais diversas ferramentas para que ele consiga ao final do seu ciclo na escola manejar com maestria os conteúdos aprendidos, fazer bom uso deles em sociedade e se sentirem pertencentes ao local em que vivem, além de valorizarem a sua cultura.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **Textos**: tipos e protótipos/ tradução de Mônica Magalhães Cavalcante... [et al]. – São Paulo: Contexto, 2019.

ADAM, Jean-Michel. **Textualidade e sequencialidade**: o exemplo da descrição. In: BEZERRA, B. G.; RODRIGUES, B. B.; CAVALCANTE, M. M. (orgs.). Gêneros e sequências textuais. Recife: Edupe, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Antologia do Folclore Brasileiro** – 5ª. Ed. – São Paulo: Global, 2001. v. 1.

CAVALCANTE, Mônica M. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012, 176 p.

CAVALCANTE, Mônica. M. et al. **O texto e suas propriedades**: definindo perspectivas para análise. Revista (Con)textos Linguísticos. Linguística Textual e Análise da Conversação: conceitos e critérios de análise, v. 13, n. 25, p. 25-39, 2019. Disponível em:

<https://publicacoes.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884>

CAVALCANTE, Mônica M. *et al.* **Linguística Textual**: conceitos e aplicações. 1. ed. São Paulo: Pontes Editora, 2022. v. 1.

CRISMORE, Avon. **Talking with readers**: metadiscourse as rhetorical act. New York: Longman e Peter Lang, 1989.

HYLAND, K. **Persuasion and Context**: the pragmatics of academic metadiscourse. Journal of Pragmatics, Vol. 30, p. 437-455, 1998. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0378216698000095>

HYLAND, K; **Metadiscourse**:exploring interaction writing.Continuum:London, 2005a.

KOCH, Ingedore G. V; **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editora, 2008.

SANTOS, Sâmia A. **Recursos metadiscursivos de interação em sequência narrativa**. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8735>

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-acao** / Michel Thiollent. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1986.

VANDE KOPPLE, W. J. Some exploratory discourse on metadiscourse. **College Composition and Communication**. Vol. 36 (1), p. 82-93, 1985. Disponível em:

<https://www.scirp.org/reference/referencespapers?referenceid=2894925>

Sobre os(as) autores(as)**Beatriz Barroso Lima Vidal**

Mestra em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC), onde também cursou Licenciatura em Letras/Literatura, além de ser especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará. Professora efetiva do município de Maracanaú, esteve a frente de um dos Polos de Preparação Intensiva em Letras (POPI Letras), atualmente atua como Técnica do Conselho Municipal de Educação e também membro do grupo de Gêneros Estudos Teóricos e Metodológicos GETEME - UFC, cadastrado no CNPq.

Sâmia Araújo dos Santos

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), onde também cursou Licenciatura em Letras – Português/Literatura. Professora efetiva da rede estadual do estado do Ceará, atualmente assume a Coordenação Pedagógica na Escola de Tempo Integral Matias Beck, e colaboradora permanente no Mestrado Profissional em Letras na Universidade Federal do Ceará (UFC). Suas pesquisas são relacionadas à compreensão leitora e à produção textual no ensino de língua portuguesa na educação básica à luz da Linguística Textual. É membro do Grupo de Pesquisa Protexito - UNILAB, cadastrado no CNPq.